

## Ficamos mais pobres

Fábio Campos

Era um sábado pela manhã. Chegava em Mulungu com meus filhos. Meu primeiro roteiro é sempre a mercearia de meu pai. Deparei-me com a cena que ficou gravada em minha retina. Demócrito Dummar sentado no balcão a tirar prosa com meu pai. Fiquei observando de longe por um bom tempo. Estava ali a síntese de minha vida. Meu pai me fez livre. Demócrito me deu asas para exercer a liberdade. Demócrito e dona Wânia têm uma casa na Serra. Era o cantinho amado. Geograficamente, tem localização em Guaramiranga, mas ele dizia que era cidadão de Mulungu. “Por que”, perguntei. “Meu filho, muitos gostam de dizer que têm casa em Guaramiranga. Prefiro dizer que tenho em Mulungu”. Percebi ali a manifestação de uma das principais características dele. Um ato de resistência. Contra a corrente. A rebeldia inteligente, contida em um pequeno detalhe. Dona Wânia sorria confirmando, cúmplice de uma deliciosa e inconsequente atitude. Que dor.

Nos falamos na noite de quinta-feira. Liguei para mim às 11 horas da manhã de ontem. Fizemos o que fazíamos costumeiramente. Conversamos. Pouco mais de uma hora depois, a tragédia. Era um homem generoso. Ensinou-me a qualidade da ponderação. Minha relação com o Demócrito havia, há anos, superado a fronteira profissional. Trocávamos confidências. Dividíamos garrafas de tinto na Serra. Uma casa linda, pensada em cada detalhe pelo casal. Uma casa com cheiro de gente, de frente para a floresta e um pequeno riacho. Patos, coelhos, papagaios. Nada de gaiolas. Meus filhos o adoravam. O chamavam de o “homem do papagaio”. Mas Demócrito gostava mesmo era de conversar com meu pai, um homem simples e sábio. Costumava dizer pra mim que passou a entender-me depois que conheceu o “Seu Ivanildo”. “Agora eu sei de onde vem a tua força”, dizia. Eu sorria, meio sem graça, por causa do elogio sem nenhum disfarce. Um homem extremamente caridoso, um *gentleman*, um pai dedicado. Demócrito e Wânia formavam um casal que se transformou em referência para mim. Uma

elegância serena e um amor que nos alimentava a ideia de que, sim, é possível o ideal.

Assumi a Coluna Política do jornal em janeiro de 1996. Só conhecia Demócrito de vista. Nunca tinha nem sequer tido a oportunidade de cumprimentá-lo. Eu já escrevia a versão da Coluna das segundas-feiras. Um dia, fui chamado ao comando da redação. Fui comunicado da decisão da presidência para que eu assumisse a Coluna. “Como assim? Nem me conhecem lá em cima”. Assumi assim. Sem padrinhos, passei a escrevê-la. O legado de Demócrito para a sociedade cearense é plural. Os grandes temas do Ceará passam pelas páginas do **O POVO**. Quando não passam é como se não acontecessem. Demócrito assumiu o comando do jornal justamente no ano em que o País realizava a primeira eleição de Capital, após a ditadura militar. Era 1985 e vinha pela frente a primeira grande prova de fogo. Nascia junto com a nova democracia brasileira um novo jornal. Um jornal sem padrinhos. Um jornal que não apadrinhava. E o melhor: um jornal que aprendia a conviver com o erro com a mesma elegância com que se relacionava com os acertos.

Demócrito se foi, mas o que deixou entre nós se multiplica. Liberdade com ponderação. Responsabilidade no trato das pequenas e grandes questões. Certa vez, Alberto Dines, um respeitado veterano do jornalismo brasileiro, nos fez uma visita. Passou um dia na redação. Confidenciou-me que nunca havia conhecido um dono de jornal como Demócrito. Não havia imposições à redação. Tudo era negociado. Demócrito percebeu que a melhor maneira de fazer com que o jornal sobrevivesse às gerações futuras era deixar que o jornalismo se impusesse. Todos os jornalistas sérios que conheceram Demócrito de perto sentem-se órfãos. O jornal **O POVO** está órfão, o jornalismo cearense está órfão. O Ceará perdeu um de seus mais notáveis empreendedores sociais. Um grande animador do nosso processo sócio, político e econômico. Ficamos mais pobres.